MAIS CONTOS DE FADAS Ingleses

JOSEPH JACOBS

Tradução
Dorothea De Lorenzi Grinberg Garcia

MAIS CONTOS DE FADAS Ingleses

Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
More english fairy tales

Texto
Joseph Jacobs

Tradução
Dorothea De Lorenzi Grinberg Garcia

Preparação
Mirtes Ugeda Coscodai

Revisão
Karine Ribeiro
Cleusa S. Quadros

Produção editorial
Ciranda Cultural

Diagramação
Linea Editora

Design de capa
Ciranda Cultural

Imagens
Roberto Castillo/Shutterstock.com;
KateVogel/Shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

J17m Jacobs, Joseph

Mais contos de fadas ingleses / Joseph Jacobs ; traduzido por Dorothea De Lorenzi Grinberg Garcia. - Jandira, SP : Principis, 2021.
192 p. ; 15,5cm x 22,6cm. – (Clássicos da literatura mundial)

Tradução de: More english fairy tales
ISBN: 978-65-5552-362-1

1. Literatura inglesa. 2. Contos. 3. Contos de fadas. I. Garcia, Dorothea De Lorenzi Grinberg. II. Título. III. Série.

CDD 823.91
2021-1709 CDU 821.111-3

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura inglesa : Contos 823.91
2. Literatura inglesa : Contos 821.111-3

1ª edição em 2021
www.cirandacultural.com.br
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

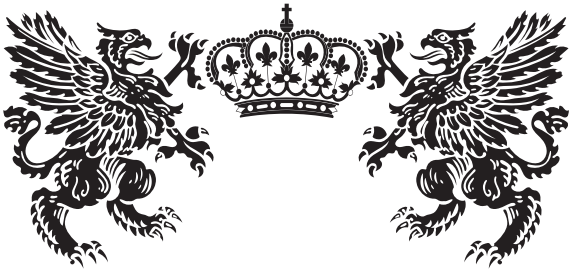
Sumário

Você sabe como entrar neste livro 7

Prefácio 9

O gaiteiro de Franchville 13
Daqui em diante 17
A bola de ouro 21
Apenas eu 25
O touro negro da Noruega 29
Amarelo-marrom 34
As três penas 41
Sir Gammer Vans 46
Tom Hickathrift 48
A velhinha sortuda 55
Gobborn, o vidente 58
Senhor, tenha piedade de mim 62
Esfarrapada 64
O pãozinho 68
Johnny Gloke 72
O tolo 75
As três vacas 81
O gigante cego 83
Pé Arranhado 85

O mascate de Swaffham 88
A velha bruxa 90
Os três pedidos 95
A lua enterrada 97
Um filho de Adão 103
As crianças na floresta 105
Os fantasminhas 111
Um pote de miolos 114
O rei da Inglaterra e seus três filhos 120
Rei João e o abade de Canterbury 131
Casaco de Palha 134
O rei dos gatos 139
Tomasino 141
As estrelas no céu 145
Novidades! 149
A rã, a ratinha e o ratão 151
O tourinho 153
O homenzinho 157
A fada fiandeira e a pequena rainha das fadas 160
A velha Mãe Mexe-Mexe 165
Pele de Gato 168
Gritos estúpidos 173
O verme de Lambton 177
Os homens sábios de Gotham 182
A princesa de Canterbury 188



Você sabe como entrar neste livro

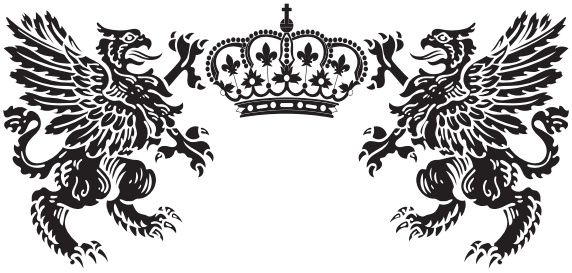
Bata na aldrava da porta,

Toque o sino do lado,

Então, se você ficar bem quietinho, ouvirá uma vozinha dizer pelas grades: "Pegue a chave". Você a encontrará atrás: não dá para se enganar, pois tem as iniciais J.J. Enfie a chave no buraco da fechadura, ela se encaixará perfeitamente, destranque a porta e

ENTRE

Para meu filho Sydney



Prefácio

Creio que este livro será uma surpresa tanto para meus colegas folcloristas quanto para o público em geral. Naturalmente, pensaram que meu livro anterior (*Contos de fadas ingleses*) já havia praticamente esgotado os remanescentes e espalhados contos folclóricos tradicionais da Inglaterra. Entretanto, ficarei muito desapontado se a presente coleção não for considerada superior à anterior em interesse e vivacidade, pois na sua maior parte desbrava solo virgem até agora; a maioria dos contos neste livro jamais foi divulgada antes ou nunca foi levada para além de suas fronteiras.

Ao compilar esses contos, segui os mesmos princípios usados no livro anterior que até agora, digo com alegria, estabeleceu-se como um tipo de livro inglês dos irmãos Grimm.

Aproveitei contos ingleses onde consegui achá-los; um é dos Estados Unidos, alguns das Terras Baixas escocesas, e alguns foram adaptados de baladas, e deixei um ou dois em suas formas métricas originais. Reescrevi a maioria deles e assim fazendo adotei o estilo inglês tradicional de narrativa popular, com seus regionalismos e toques arcaicos que hoje em dia são conhecidos como vulgarismos. Por causa de minha experiência anterior,

creio que cada um desses princípios concordou com alguns críticos que escrevem sob o ponto de vista elevado do folclore ou da "mera literatura" menos elevada. Aproveito a ocasião para abrandar sua ira ou, quem sabe, dar-lhes mais motivos para esbravejar.

Meus colegas do folclore olham com tristeza enquanto me veem lançar mãos profanas sobre o sagrado texto de meus originais. De fato, às vezes introduzi ou eliminei incidentes inteiros, dei outro final para os contos ou terminei um que estava incompleto e não tive escrúpulos em colocar em prosa uma balada ou suavizar o excesso de dialeto.

Isso é um enorme sacrilégio aos olhos dos ortodoxos rígidos do folclore, e minha defesa talvez seja a de que tenho uma causa sentimental a defender, assim como a ciência do folclore: encher a imaginação de nossas crianças com imagens muito vívidas. E mesmo nos níveis mais altos do folclore não fico totalmente sem defesa. Será que meus cordiais críticos acreditam que os materiais de Campbell não foram modificados pelos vários narradores? Por que não posso ter o mesmo privilégio como qualquer outro contador de histórias, especialmente quando conheço as maneiras de contar histórias em inglês tão bem quanto um camponês de Devonshire ou de Lancashire? E, argumento conclusivo, será que vocês, colegas folcloristas ortodoxos, continuarão a usar Grimm e Asbjörnsen? Bem, eles fizeram o mesmo que eu fiz.

E quanto a usar contos das Terras Baixas escocesas, foi chocante segundo uma crítica cuja autoria não me foi difícil reconhecer. O escocês é um dialeto inglês. Os contos escoceses são em inglês! Que horror! Filisteus! Foi esse o grito do revisor, e temo que minha resposta só vá fortalecer sua convicção. Entretanto, apelo para ele perguntando por que fazer diferença entre os contos de outros lados da fronteira? Um conto narrado em Durham ou Cumberland em um dialeto que apenas o doutor Murray poderia distinguir das terras escocesas seria considerado por todos os demais como "inglês." O mesmo conto narrado a algumas milhas mais ao Norte não entraria na mesma qualificação? Um conto em Henderson é

inglês; e por que não é inglês um conto em Chambers, que em sua maioria pode ser encontrado também no Sul de Tweed?

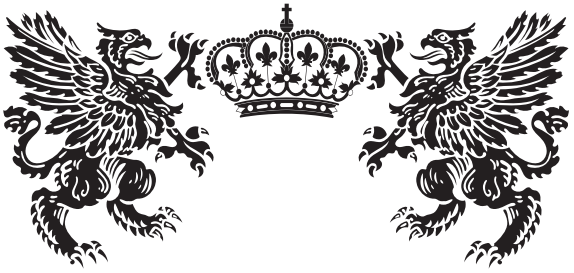
A verdade é que meus amigos folcloristas e meus críticos diferem de mim sobre a origem dos contos do folclore. Eles pensam que um conto provavelmente se originou onde foi encontrado, daí atribuem maior importância à forma exata em que foi encontrado e o restringem à localidade de nascimento, mas eu penso diferente; creio ser mais provável que o conto tenha se originado em outro lugar; talvez tenha sido descoberto em um determinado local, mas criado em outro. Já discuti isso em outras situações com toda a solenidade, e não tenho mais como defender minha posição, mas mesmo o leitor que não entende de folclore pode ver que não atribuo muito valor antropológico para contos cuja origem é provavelmente estrangeira, e, sem dúvida, não faço divisões rigorosas entre contos do Norte do país e os contados do outro lado da fronteira.

As autoridades também diferem sobre a maneira de se contar uma história do folclore inglês. Estou inclinado a seguir a tradição de minha velha babá, que não foi criada em Girton, e que às vezes debochava das regras de Lindley Murray e das regras de dicção da elite. Recebi a recomendação de adotar uma dicção próxima da versão autorizada. Bem longe das lembranças de minha velha babá, atualmente temos certo número de contos retirados da boca do povo que estão na forma autorizada; chegam até a ser um pouco "vulgares."

Existe um leve toque de esnobismo em fazer objeção a essa forma arcaica e chamá-la de "vulgar." Esses contos foram narrados, se não em tempos imemoráveis, pelo menos há várias gerações, em uma forma especial que inclui dialeto e palavras "vulgares." Então por que dar as costas a essa forma por outra que as crianças não entenderão com facilidade e com todo o artificialismo pseudo-elizabetano? As crianças não estão acostumadas a dizer "darter" no lugar de "daughter" só porque depararam com isso nos contos populares; mas elas reconhecem as formas incomuns e se divertem. Conservei as arcaicas que combinam bem com os contos populares.

Ao compilar a presente coleção, pesquisei cento e quarenta contos com os quais comecei; reservei alguns dos melhores para este livro quando estava fazendo o primeiro. Era preciso incluir nele os antigos favoritos: "Jack, o Matador de Gigantes", Dick Whittington, e o restante que em geral não é tão interessante ou tão bem narrado como os menos conhecidos enterrados em coleções folclóricas. Mas desde a publicação de *Contos de fadas ingleses* tive muita sorte em obter acesso a contos inteiramente novos e muito bem narrados, que ou foram publicados nos últimos três anos ou generosamente colocados à minha disposição por amigos folcloristas. Entre esses, os contos narrados pela senhora Balfour, que possui um conhecimento profundo da mente e do modo de falar dos camponeses, e são uma aquisição muito valiosa. Só lamento ter precisado descartar tanto do dialeto nas versões dela. Estarei eternamente em dívida com ela por ter me enviado vários contos inteiramente novos e inéditos. Em seguida vem a senhora Gomme, a quem devo muito também e que me levou à bancarrota em termos de agradecimentos. Outros amigos foram igualmente generosos, em especial o senhor Alfred Nutt, que me ajudou a adaptar algumas das versões do livro. Quanto aos Conselhos das Sociedades Americanas e Inglesas do Folclore, reitero meus agradecimentos por permitirem o uso dos materiais que apareceram primeiramente em suas publicações. Finalmente, devo me referir ao senhor Batten: o que eu e as crianças inglesas faríamos sem ele?

Joseph Jacobs



O gaiteiro de Franchville

Newtown ou Franchville, como era chamada no passado, é uma cidadezinha parada no tempo, como todos devem saber, na costa de Solent. Apesar de tranquila hoje em dia, já foi muito barulhenta, e quem fazia barulho eram os ratos. O lugar estava infestado de ratos de tal maneira que não valia a pena morar ali. Não existia celeiro, milho empilhado, armazém ou armário de cozinha onde eles não conseguissem entrar. Faziam furos nos queijos e esvaziavam barris de açúcar. Nem hidromel nem cerveja nos tonéis escapavam da fome deles. Faziam um buraco no alto do tonel, um rato enfiava o rabo comprido, e quando tirava o rabo dali ia passando para os amigos e primos, cada um chupando seu gole.

Tudo estaria bem se só estivessem procurando por comida, mas eles guinchavam, chiavam e corriam tanto que as pessoas não conseguiam ouvir o som da própria voz ou dormir à noite! Sem falar que as mamães precisavam ficar alertas e vigiar os berços dos bebês ou arriscar ver uma ratazana horrorosa correndo sobre o rosto do pobrezinho e fazendo sabe-se lá que maldades.

Ora! Será que a boa gente da cidade não tinha gatos? Sim, tinha, e a luta era grande, mas no final os ratos eram em maior número, e os bichanos sempre perdiam a briga. O que vocês disseram? Veneno? Ora, claro que envenenaram muitos ratos, mas a praga continuou.

Exterminadores de ratos?! Não havia nenhum de John O´Groats a Land´s End que não tivesse tentado a sorte. Mas fosse lá o que fizessem, gatos, veneno, cães ou ratoeiras, cada vez parecia haver mais ratos, e a cada dia um novo rato movia o rabo e erguia os bigodes.

O prefeito e o conselho da cidade já não aguentavam mais. Certo dia, quando estavam todos sentados na prefeitura tentando pensar sobre o problema e maldizendo sua sorte, quem entrou ali? O delegado.

– Por favor, honrados senhores – disse ele –, chegou à cidade um sujeito muito esquisito. Não sei bem o que fazer com ele.

– Mande-o entrar – ordenou o prefeito, e assim foi feito.

Era mesmo um sujeito esquisito. Não havia cor do arco-íris que faltasse nas suas roupas, era alto e magro com olhar penetrante.

– Sou um bom gaiteiro – começou a dizer. – Digam-me, quanto estão dispostos a me pagar para que eu os livre dos ratos em Franchville?

Bem, eles tinham muito medo dos ratos, mas não queriam gastar seu dinheiro e tentaram pechinchar. Mas o gaiteiro não era de ouvir bobagens, e no final prometeram pagar-lhe cinquenta libras (o que era muito dinheiro naquela época) assim que não houvesse mais nenhum rato guinchando ou correndo por Franchville.

O gaiteiro saiu da prefeitura e levou a gaita aos lábios, soltando um som agudo que ecoou nas ruas e casas. E a cada nota que saía da gaita, a visão era estranha. Porque de cada buraco iam saindo os ratos aos tropeções. Não havia rato velho ou jovem demais, muito alto ou muito baixo que não se aglomerasse junto ao gaiteiro, erguendo os pés e o nariz, e o seguisse pelas ruas. O gaiteiro se preocupava com os ratinhos que mal sabiam andar, por isso parava de vez em quando e fazia mais um floreio na gaita só para lhes dar tempo de acompanhar os mais velhos e mais fortes na multidão.

Subiu a Rua de Prata e desceu a Rua de Ouro, e ao final dessa rua fica o porto, com a ampla costa de Solent além. E enquanto ele caminhava devagar e com seriedade, as pessoas da cidade chegavam às portas e janelas, mandando bênçãos.

Muitos ratos se aproximavam dele. Ao chegar às margens da água, o gaiteiro entrou em um barco e, enquanto penetrava nas águas profundas sem parar de tocar a gaita, todos os ratos o seguiram, salpicando água a torto e a direito, movendo os rabos com satisfação. O gaiteiro continuava a tocar sua gaita sem parar até que a maré desceu, e cada um dos ratos foi se afundando mais e mais no lodo pegajoso do porto e por fim todos morreram sufocados.

A maré voltou a subir, o gaiteiro foi para terra firme, e nenhum rato o seguiu. Vocês podem pensar que a essa altura os moradores da cidade estavam atirando seus chapéus para o alto, gritando hurras, parando para olhar os buracos vazios dos ratos e fazendo os sinos da igreja repicar. Mas na verdade, quando o gaiteiro pisou em terra firme e já não se ouvia nenhum guincho, o prefeito, o conselho e quase todos os moradores da cidade começaram a resmungar e balançar a cabeça.

Isso porque o baú com o dinheiro da cidade infelizmente estava vazio, e de onde tirariam as cinquenta libras prometidas? Além do mais, fora um trabalho bem simples! O gaiteiro só precisara entrar em um barco e tocar sua gaita! Ora! Se alguém tivesse pensado nisso, o próprio prefeito poderia ter feito o serviço.

Então ele continuou a resmungar e por fim disse:

– Venha, meu bom homem. Percebe como somos pobres. Não podemos pagar-lhe cinquenta libras. Você pode aceitar apenas vinte? No final das contas será um bom pagamento pelo pouco trabalho que teve.

– Negociei meu trabalho por cinquenta libras – disse o gaiteiro secamente –, e se fosse você pagaria logo. Sabe que posso tocar muitos tons diferentes na gaita como muita gente descobriu a duras penas.

– Está nos ameaçando seu vagabundo? – gritou o prefeito ao mesmo tempo em que piscava um olho para o conselho. – Os ratos morreram